

A ROMARIA SUL-BAIANA À LAPA: Inserção social e manifestação cultural

José Roberto Araújo dos SANTOS

Jras.thl@ig.com.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - UESC

A cidade baiana de Bom Jesus da Lapa, distante mil trezentos e vinte e quatro quilômetros de Salvador-Ba, está situada à margem direita do Rio São Francisco. Antes de se tornar um povoado e, posteriormente uma cidade, a região da Lapa era habitada pelos índios Acoroaces que teriam sido expulsos do litoral pelos índios Tupis que passaram a habitar esta região. Quando o Sr. Francisco Mendonça Mar, que depois assumirá o nome religioso de Francisco da Soledade, descobriu a gruta e passou a habitá-la havia ainda alguns casebres onde remanescentes de famílias indígenas moravam.

Em 1750 a Lapa era um povoado com umas cinquenta residências aproximadamente, feitas de barro e com cobertura de palha. Em 1852 já era um arraial com 128 casas e com 250 moradores. Em 1874 torna-se um distrito de paz e sub-delegacia com 405 casas e uma população de mais de mil e quatrocentas pessoas. Elevada à condição de vila em 18 de setembro de 1890 e, durante o governo do senhor Joaquim Seabra, segundo Lei Estadual Nº 1.682, de 21 de agosto de 1923, foi elevado à categoria de cidade. As romarias constituíram-se em um fator preponderante para o crescimento e desenvolvimento da localidade.

O início da movimentação em torno da gruta de Bom Jesus remonta ao ano de 1691 quando o senhor Francisco Mendonça Mar, natural da cidade de Lisboa, Portugal, se refugiou ali iniciando uma vida de eremita. Ele portava uma imagem do Crucificado (o Bom Jesus) e iniciou uma série de encontros de oração, freqüentados por índios e moradores dos quilombos vizinhos. O senhor Francisco, homem recluso e penitente, além de viver em oração realiza obras caritativas em favor dos pobres, desprotegidos da sorte e aleijados. A descoberta de ouro em Minas Gerais levou a uma grande movimentação de subida e descida no Rio São Francisco e a Lapa serviu como uma espécie de entreposto onde mineiros, vaqueiros e mascates paravam para rezar e fazer promessas ao Bom Jesus.

No ano de 1706, Francisco é ordenado padre, após um período de preparação na cidade de Salvador e freqüentemente sai pelas redondezas evangelizando e falando de Deus. Paulatinamente, em resposta ao trabalho de Francisco, o povo começa a organizar romarias, sobretudo nas festas do Senhor Bom Jesus da Lapa e Nossa Senhora da Soledade.

Pode-se notar o aspecto social desse turismo, uma vez que a grande maioria dos romeiros é formada por pessoas oriundas das classes sociais mais baixas (índios e escravos inicialmente) que deixam seus lares e empreendem viagens longas para realizar a devoção, contando com a ajuda de outrem.

A Bahia, mística e miscigenada, engrossa as estatísticas anuais do turismo religioso/social à Bom Jesus da Lapa com a presença em massa de quase todas as suas micro-regiões. Da Região Sul, acorrem para a cidade de Bom Jesus da Lapa centenas de carros de Passeio, caminhões e ônibus lotados. Muitas das prefeituras da região locam ônibus para transportar os romeiros e estes não pagam nada pelo transporte. Há ainda casos em que prefeitos (por questões eleitorais) e fazendeiros e empresários (por promessa ou simples devoção) conduzem e pagam todas as despesas com hospedagem e alimentação das pessoas que vão com eles à Lapa. Pessoas que normalmente são vítimas das mais diversas formas de exclusão, desde a econômica e cultural até a digital, acabam sendo incluídas por meio da participação na peregrinação à Lapa.

Sendo a Lapa um importante centro de peregrinação, pode-se distinguir claramente uma motivação ligada ao transcendente que impulsiona uma parcela significativa das pessoas que para lá viajam utilizando-se dos mais diversos meios de transporte (a pé, de bicicletas, motocicletas, carros de passeio, ônibus, caminhões) e uma outra razão, ligada a esta, a curiosidade de ver as manifestações de fé dos peregrinos (as missas campais, a chegada de pagadores de promessas e penitentes que sobem as escadarias de joelhos ou portando “ex-votos”, a cantoria dos peregrinos...). Há os que para lá vão apenas para descansar e se divertir e que não freqüentam os cultos celebrados no santuário e há aqueles que se dividem entre o lazer (bares, passeios de barco no Rio São Francisco, festa à noite...) e as programações religiosas.

Aqui estão, portanto, presentes três expressões humanas importantíssimas: turismo/romaria/cultura. É lugar comum dizer que cultura é uma palavra polissêmica cuja conceituação pode ser múltipla e, por vezes, geradora de polêmicas e divergências. Ficaremos, entretanto, com a noção com que a cultura nos é apresentada por Ulpiano T. Bezerra de Menezes:

“... a problemática da cultura, o domínio cultural, tudo isso diz respeito à produção, armazenamento, circulação, consumo, reciclagem, mobilização e descarte de sentido e significações. Por consequência, diz respeito, igualmente, aos valores. Por certo, não estamos falando de sentidos e de valores abstratos, em si, mas de sua inserção num circuito de vida social. Dessa forma, a cultura engloba tanto aspectos materiais como não-materiais e se encarna na realidade empírica da existência cotidiana...” (Ulpiano in: YAZIGI, Eduardo, Turismo: espaço, paisagem e Cultura, pg. 89).

Estando relacionado ao aspecto religioso, o turismo ligado ao Santuário de Bom Jesus da Lapa concentra questões relativas à conservação como também ao descarte de valores culturais.

A religião, notadamente o cristianismo nas suas vertentes popular e hierárquico-institucional, produz, armazena, faz circular, consome, recicla, mobiliza e descarta sentidos e significações. A cidade de Bom Jesus da Lapa, sobretudo na romaria do Sr. Bom Jesus, quadruplica a sua população, passando de quarenta e cinco mil pessoas para umas duzentas mil no auge dos festejos. Embora seja majoritariamente composta por pessoas de baixa renda a festa de Bom Jesus mescla níveis sociais e culturais bastante diversificados numa convivência social bastante imanente e palpável, numa vivência concreta destes diferentes valores culturais.

É difícil definir o que seja *turismo* tanto quanto o é definir *cultura*, como uma baliza, não de forma absoluta, tomamos a conceituação dada por Chris Cooper:

“... o turismo pode ser pensado como sendo uma ampla gama de indivíduos, empresas, organizações e lugares, que se combinam de alguma forma para proporcionar uma experiência de viagem. O turismo é uma atividade multidimensional e multifacetada, que tem contato com muitas vidas e atividades econômicas diferentes”. (COOPER, Turismo: princípios e Prática, p. 40/41).

As romarias a Bom Jesus da Lapa se encaixam perfeitamente neste conceito de turismo pela quantidade de fatores (organizações, lugares, indivíduos e empresas) combinados na realização das viagens para aquela localidade. Outrossim é, para algumas pessoas, a única “experiência de viagem” vivida e para a qual se preparam durante um ano inteiro, tanto a nível financeiro quanto de expectativas.

Qual a fronteira entre turismo e romaria? Segundo Steil (1996) é difícil estabelecer uma distinção entre turista e romeiro, uma vez que eles se aproximam em muitos aspectos e seria apressado identificá-los pelos simples olhar. Afirma Steil:

“...romeiros e turistas se confundem tanto em relação as suas motivações quanto a seus comportamento.” E completará: *“... Observamos que existe uma miscelânea de atos religiosos e turísticos praticados pela mesma pessoa...”* (Horizontes Antropológicos, pág. 245)

Acorrem ao Santuário do Bom Jesus da Lapa não apenas pessoas da região ou mesmo da Bahia, mas de diversas partes do Brasil e do mundo. Os romeiros/turistas normalmente permanecem na cidade da Lapa entre três a quatro dias em média – os festejos duram dez dias – sendo que estes ocupam hotéis, pousadas, alugam casas, ficam hospedados em casas de amigos ou parentes, improvisam barracas debaixo de caminhões e ônibus ou mesmo em terrenos baldios às margens do Rio São Francisco.

O santuário realiza duas grandes festas durante o ano, a primeira e mais importante é a do Bom Jesus da Lapa, Santo padroeiro da cidade e da Diocese, que se realiza do dia 28 de julho ao dia 06 de agosto de cada ano; a outra é a de Nossa Senhora da Soledade que acontece do dia 06 ao

dia 15 de setembro, além de uma série de outras pequenas romarias anuais. Lá se reúnem cerca de um milhão de pessoas por ano, sendo que cerca de duzentos mil somente nos festejos do Bom Jesus, no mês de agosto.

A gama de manifestações culturais é bastante expressiva e diversificada e, nestes festejos, abundam expressões folclóricas, sentimentais, uma série de desvelos e preocupações com familiares e entes queridos, objetos de orações, votos e promessas.

O Brasil se insere de maneira bastante forte e em condições bastante competitivas, no contexto turístico mundial, enquanto uma opção turística. Afirma Bertha Becker acerca da atividade turística no Brasil:

“Em 1991, o turismo superou a receita obtida com exportação do café, do farelo de soja, do suco de laranja, ocupando o quinto lugar na pauta de exportação. Trabalhou em silêncio” (BECKER, Bertha, in: Turismo: espaço, paisagem e Cultura, pg.186)

Embora em termos mundiais a situação do Brasil seja ainda muito modesta e o turismo no país tenha crescido de maneira bastante desordenada esta atividade não deixa de ocupar um papel importante na economia. O país possui uma excepcional vocação para a atividade turística, embora precise de maior estruturação. O turismo religioso/social, no que tange a região que Sul da Bahia, participa da movimentação de uma considerável receita relativamente à festa da Lapa e se configura em excelente alternativa de lazer com custo relativamente baixo.

A Resenha Histórica de Bom Jesus da Lapa, de autoria do Monsenhor Turíbio Vilanova Segura, faz um apanhado e uma análise de como se deu o desenvolvimento e a consolidação da romaria. Esta obra mostra como o santuário se estrutura em torno da satisfação tanto das necessidades transcendente-espirituais quanto sociais do povo, buscando atender aos moradores vizinhos do santuário como às pessoas que ali acorriam em peregrinação. Visando atender as necessidades alimentícias dos pobres que o buscam o Pe. Francisco da Soledade, no ano de 1717, envia uma carta ao rei de Portugal solicitando e reclamando o cumprimento de uma lei régia segundo a qual se conceda *“aos vigários do sertão e aos Missionários (...) uma porção de terra aonde estivessem fundadas as suas matrizes e missões para nelas lavrarem e terem os seus gados...”* e acrescentará que a razão de tal pedido é *“para que assim o possa o suplicante remediar às necessidades dos passageiros e romeiros e mais pobres e enfermos...”* (in.: SEGURA, 1937, p. 119). Monsenhor Turíbio diz ainda que o monge chega a construir um hospital-asilo para poder socorrer aqueles doentes que chegassem ao santuário; diz precisamente:

“Mas onde a caridade do Monge brilhou com esplendores foi no Hospital-Asilo por ele levantado ao pé do Santuário.” (SEGURA, 1937, pág 118).

A romaria à Lapa, por tanto, desde a sua origem, cria e alimenta uma peregrinação que faculta a participação de pessoas pobres e se constitui em um turismo/romaria com forte cunho social e de inclusão de massas sobrantes, vítimas da falta de cuidados e carentes da satisfação de direitos essenciais como saúde, alimentação, moradia e segurança.

Um outro trabalho acerca da romaria é realizado pelo antropólogo Carlos Alberto Steil que aborda a relação entre peregrinação e turismo a partir de seu material de campo, coletado no Santuário da Lapa, e trata de questões focais como o olhar e o lugar ocupado pelo romeiro/turista, a distinção entre estes dois conceitos e a importância da romaria enquanto expressão cultural.

O turismo exerce um papel ativo e potencialmente influenciador destas dinâmicas culturais. Diz John Fletecher:

“...os impactos socioculturais associados ao turismo podem ser tanto negativos quanto positivos. Um dos impactos positivos assinalados por de Kadt é o intercâmbio de informação cultural, idéias e crenças. Mas o turismo também pode estimular o interesse no, e conservar aspectos do, patrimônio cultural anfitrião. Este é um importante impacto sociocultural positivo e vai desde monumentos antigos, sítios históricos, artes, artesanatos, cerimônias culturais e rituais.” (Turismo: Princípios e Prática, p. 208).

Oriundas do Sul da Bahia acorrem para os festejos do Bom Jesus (de 28 de julho a 6 de agosto) cerca de 50.000 (cinquenta mil) pessoas, um contingente considerável e digno de ser estudado.

É bastante curioso poder notar como atitudes simples e gestos tão comuns, como o cultivo de hábitos religiosos, possuem tão grandes desdobramentos sócio-culturais. A inclusão, portanto, de pessoas, classes e populações inteiras, passa por ações (de governos, da sociedade civil e de organizações) amplas e diversificadas, que considerem o ser humano na sua complexidade e multiplicidade.